

Promoção:



COEB 2012

CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO

Apoio:



BLOGS ESCOLARES: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM COLABORATIVA

Raquel Regina Zmorzenski Schöninger¹
UDESC
raquelvalduga.pmf@gmail.com

Ademilde Silveira Sartori²
UDESC
ademildesartori@gmail.com

Aprendizagens em Diferentes Dimensões

Resumo

Instituições escolares estão adotando dispositivos de comunicação dispostos na rede que promovem a aprendizagem colaborativa. Em 2009, realizamos uma pesquisa com a intenção de compreender como a escola cria/mantém dispositivos de comunicação com seus alunos, notadamente os *blogs*, visando compreender aspectos relacionados ao modo como a escola interage com os dispositivos de comunicação que dispomos hoje na cibercultura. A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi de cunho qualitativo ou interpretativa. O objetivo geral foi analisar como as escolas básicas do município de Florianópolis, utilizam-se do *blog* para fomentar situações de comunicação entre a instituição escolar, a comunidade, os professores e os alunos. O procedimento metodológico consistiu na análise de documentos escritos *online*: os *blogs* das Escolas Básicas Municipais. A partir de suas características interativas, comunicacionais, institucionais e pedagógicas buscamos compreender como as escolas estão propiciando dispositivos que favoreçam a construção de ambiências comunicativas. Percebemos que, nos *blogs* estudados, as participações ficam limitadas a comentários isolados, porque dificilmente alguém comenta ou responde aos comentários, no entanto, entendemos que as escolas estão começando a utilizar tal ferramenta e logo encontraram caminhos para tornar seus *blogs* mais interativos, com coautoria, permuta de papéis entre emissor e fonte e a bidirecionalidade da comunicação. Pensamos que o fato das escolas básicas de Florianópolis, na sua maioria, terem um *blog* para compartilhar suas atividades e vivências, certamente possibilita a construção da aprendizagem colaborativa entre alunos, professores e comunidades escolar no geral.

Palavras-chave

Interação, blog, aprendizagem colaborativa, escola básica.

¹ Mestre em Educação. Professora efetiva na Sala Informatizada EBM Osmar Cunha.
raquelvalduga.pmf@gmail.com

² Dra. Em Ciências da Comunicação. Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. ademildesartori@gmail.com.

1. Introdução

Para Paulo Freire (1987) a comunicação transforma seres humanos em sujeitos na medida em que a educação é vista como um processo da comunicação, uma construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialógicas entre os homens e o mundo. Essa abordagem de comunicação implica numa reciprocidade que não pode ser rompida e seu conteúdo não pode ser apenas comunicado de um sujeito a outro, mas sim ter um significado significante para ambos.

Freire em seus escritos elege duas concepções de educação: a concepção “bancária”, ou burguesa, e a concepção “problematizadora”, dialógica ou libertária. Na concepção bancária o educador “deposita” conhecimentos e o educando memoriza de forma mecânica. O conhecimento é algo pronto, acabado e muitas vezes descolado da realidade do educando, que assume o papel de um mero receptor passivo. Assim, “educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber” (FREIRE, 1987). Nesta prática educacional, a sala de aula torna-se cansativa, monótona, centrada na transmissão de informações, é o ditar e copiar, não há trocas de idéias ou debates, o educador não se comunica, ele faz “comunicados”. À educação bancária cabe manter a divisão entre os que sabem e os que não sabem, ela nega a dialogicidade, enquanto a concepção problematizadora ou libertadora tem seus pressupostos centrados no diálogo entre educador e educando e ambos aprendem juntos. Sendo assim,

não pode perceber que somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isso, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Daí que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos, de uma realidade. (FREIRE, Op.Cit. p. 64)

Quando a prática educativa é pautada pelo diálogo, ocorre uma relação de comunicação entre educador e educando, e o conhecimento é construído nas trocas de saberes. Freire entende a educação problematizadora como um ato político, um ato de conhecimento e um ato criador, e o homem como um ser histórico, que se ‘refaz constantemente com o seu saber’. Dessa forma seu projeto educacional busca o fim da opressão e das desigualdades sociais e culturais, e isso só seria possível com o desenvolvimento da consciência crítica e histórica dos educandos.

O pressuposto principal da teoria dialógica de Freire está no respeito ao educando e à sua realidade social, econômica e cultural, negando assim a transmissão mecânica de conteúdos, onde os alunos decoram e reproduzem aquilo que lhes é despejado pelo professor, e que ele chamou de educação bancária. Para ele, não é possível que a educação ocorra de forma bancária, pelo contrário, devemos ser ativos, transformadores da realidade que vivenciamos quando necessário. A educação, além de ser um ato político, é uma permanente troca entre aquele que ensina e aquele que aprende, é um diálogo constante e produtor de significados, dessa maneira:

o sentido atribuído ao diálogo, que pressupõe uma relação horizontal entre os seres, fundado “no amor, na humanidade, na fé dos homens”, é fundamental para a estrutura do conhecimento, visto que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, uma vez que se comunica a outros sujeitos igualmente cognoscente. (SARTORI; SOARES, Op. Cit., p. 8)

Para Freire (2006) “o mundo humano é um mundo de comunicação” e o diálogo entre os homens, uma vez que consiste de uma relação horizontal e não vertical, caracteriza a comunicação entre os sujeitos como uma prática social, na qual ninguém educa ninguém, mas os sujeitos educam-se uns aos outros a partir da troca de experiências e vivências.

2. Comunicação dialógica e interativa

Se para Freire a comunicação deve proporcionar um diálogo verdadeiro entre os sujeitos, para Marco Silva (2000) a interatividade contribui para a libertação da comunicação da lógica da transmissão. Para o autor, as mudanças ocorrem quando o modelo da mídia de massa, baseado na distribuição de informação, perde o centro da cena para a modalidade interativa de comunicação, em que todos podem participar e intervir num processo de co-autoria. Vê-se, portanto que:

na comunicação interativa se reconhece o caráter múltiplo, complexo, sensorial e participativo do receptor, o que implica conceber a informação como manipulável, como “intervenção permanente sobre os dados” (SILVA, Op. Cit.p.115)

Dessa maneira, o autor citado afirma, ainda, que o ciberespaço permite aos seus usuários muito mais do que uma distribuição de informação passiva, ou seja, não apenas lemos ou ouvimos aquilo que acessamos, podemos participar, intervir, selecionar, combinar, enfim, estabelecer um processo de co-autoria, na combinação das

informações e dependendo até produzir outras narrativas e novos significados. Para o autor, essas possibilidades caracterizam a modalidade interativa da comunicação em rede e a interatividade que o computador pode proporcionar aos seus usuários. Ainda de acordo com Silva, na obra citada, na modalidade comunicacional interativa permitida pelas novas tecnologias informáticas, a mensagem é modificável na medida em que pode responder ao que lhe é solicitado pelo leitor/usuário/receptor.

Não há como negar que o computador é o dispositivo que colocou a interatividade em evidência. A estrutura básica da interatividade é hipertextual. O hipertexto é por definição interativo. O termo interatividade deve ser resgatado em sua essência, pois atualmente observa-se a sua banalização. De acordo com Silva (Op. Cit.), o termo interatividade surgiu na década de 70 no contexto das críticas aos meios e tecnologias de comunicação unidirecionais. Destacamos o emprego do termo interatividade como sinônimo de interação; em alguns casos, referindo-se a interação digital, ou ainda, como troca de informação. Alguns autores entendem seu emprego como modismo, outros como um argumento de venda ou de dominação da máquina sobre o ser humano. Pensamos, no entanto, que o termo vai além da troca de informações, pois abrange a construção e a circulação de significados.

Silva (1999) aponta que:

interatividade é, a partir dos anos 80, uma condição revolucionária, inovadora da informática, da televisão, do cinema, do teatro, dos brinquedos eletrônicos, do sistema bancário on-line, da publicidade, etc. Há uma crescente "indústria da interatividade", usando o adjetivo "interativo", para qualificar qualquer coisa cujo funcionamento permite ao seu usuário algum nível de participação ou troca de ações. (SILVA, p.27, 1999)

O autor explica que interatividade é um conceito de comunicação e pode ser usado para significar a comunicação entre as pessoas, entre homens e máquinas e entre usuário e serviço

O autor destaca três aspectos fundamentais da interatividade no ciberespaço: a) participação – intervenção: a construção da informação torna-se um processo de co-autoria, onde o receptor pode participar e intervir na mensagem. E essa participação, segundo o autor, deverá produzir significados e não apenas opinar entre si e não ou escolher uma das opções, por exemplo; b) bidirecionalidade-hibridação: para o autor a comunicação é uma co-criação entre emissor e receptor, e ambos codificam e decodificam as mensagens. A bidirecionalidade e a hibridação é essa troca de papéis entre emissor e receptor, a comunicação torna-se uma produção conjunta entre

os dois polos; c) permutabilidade-potencialidade: a comunicação é recíproca, uma troca de idéia e de informações dentro das potencialidades que a obra permite.

3. Blogs de escola: ambiência comunicativa e a aprendizagem colaborativa

Os *blogs* escolares permitem a socialização dos assuntos trabalhados em sala de aula, da opinião dos alunos sobre as atividades e suas aprendizagens, bem como, possibilita a troca de idéias entre os professores das diferentes turmas. Essas trocas são possíveis de maneira *on-line* e de forma assíncrona, ou seja, cada um no seu tempo e espaço, essa é uma das vantagens dos ambientes virtuais na busca da construção coletiva do conhecimento.

Na aprendizagem colaborativa a participação, tanto de professores como de alunos, é que permite que o conhecimento seja construído na interação. Nesse sentido, o *blog* configura-se como um local onde o processo de ensino e aprendizagem pode ser fruto da ação coletiva. E a escrita colaborativa no *blog* da escola possibilita que todos os envolvidos aprendam a conviver com as diferentes idéias entre o grupo.

De acordo com Dillenbourg (*apud* Torres e Irala, 2007, p.70), a aprendizagem colaborativa pode ser entendida como “(...) uma situação de aprendizagem na qual duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas. (...)”, ainda de acordo com Torres e Irala (*op. cit.*, 2007, p.70):

esse conceito geral pode ser interpretado de várias maneiras: o número de sujeitos pode sofrer grandes variações, podendo ser duas ou milhares de pessoas; aprender algo também é um conceito muito amplo, pois pode significar o acompanhamento de um curso ou também a participação em diversas atividades como, por exemplo, as de resolução de problemas; o aprender “em conjunto” pode ser interpretado de diversas maneiras, como situações de aprendizagens presenciais ou virtuais, síncronas ou assíncronas, esforço totalmente em conjunto ou com divisão de tarefas.

As teorias que contribuem para a compreensão da aprendizagem colaborativa fundamentam-se na hipótese de que os sujeitos procuram e constroem o conhecimento num contexto significativo por meio das interações sociais. Dentre elas, destacam-se, a teoria sociocultural, baseada na intersubjetividade e na zona de desenvolvimento proximal (ZDP) de Vygotsky e o construtivismo de Piaget.

Para Vygotsky (1998), a mediação está presente em todas as atividades e relações humanas, e é no ambiente escolar onde a criança inicia suas relações humanas com pessoas diferentes dos seus familiares.

[...] a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, pois é mediada por meios, que se constituem nas “ferramentas auxiliares” da atividade humana. A capacidade de criar essas “ferramentas” é exclusiva da espécie humana. (REGO, 2000, p.42)

Na concepção Vygotskiana, “o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social”. (Rego, op.cit., p.60)

Na aprendizagem colaborativa, à medida que o conhecimento vai sendo construído, o/a aluno/a participando ativamente, vai procurar fazer relações com aquilo que ele/ela já sabe, ampliando e formulando suas próprias respostas. Os alunos têm objetivos e trabalham em grupo para alcançá-los, dessa forma:

ao professor não basta apenas colocar, de forma desordenada, os alunos em grupo, deve sim criar situações de aprendizagem em que possam ocorrer trocas significativas entre os alunos e entre estes e o professor (TORRES, IRALA, *Op. Cit*, p.71)

Nesse ínterim, destacamos o *blog* como um ambiente virtual colaborativo em potencial, uma vez que os comentários visam colaborar com a discussão levantada pelo autor nas postagens e quando acontece uma resposta aos comentários estabelece-se uma rede de trocas de conhecimentos e/ou idéias.

Metodologias mais participativas fazem do espaço escolar e da sala de aula um ambiente aberto a discussões em que o aluno se envolve ao realizar as atividades e reflete sobre o que faz, sendo-lhe dada a oportunidade de pensar por si mesmo, contribuindo para o pensamento crítico e a aprendizagem colaborativa. Portanto, os *blogs* contribuem para a construção da ambiência comunicativa nas escolas, uma vez que possibilitam esse espaço de troca, de cooperação e de encontro entre os sujeitos.

Pelo exposto, pode ser visto que a diferença entre a forma tradicional de comunicação, ou unidirecional, e a interativa, define-se na maneira como a mensagem é construída e o papel que assumem emissor e receptor.

Segundo Maria Helena S. Bonilla (2002 p.6):

para a educação, a compreensão desse conceito é de fundamental importância, uma vez que a relação pedagógica é uma relação entre seres humanos. Logo, a todos os sujeitos da educação deve ser oferecida essa possibilidade. Com isso, transformam-se os papéis desempenhados por professores e alunos em sala de aula.

Para que uma sala de aula seja interativa, tanto o emissor quanto o receptor devem trocar de papéis e ambos construírem juntos o conhecimento. Do contrário, nos remetemos à definição de Freire para a educação bancária, na qual o educador apenas transmite o conhecimento de maneira unidirecional, ou seja, parte sempre do emissor (professor) para o receptor (aluno) e este deve receber e armazenar a informação.

Entre os dispositivos de interação do ciberespaço, o *blog* oferece muitas vantagens por ser um dispositivo de comunicação que não necessita de interação síncrona, ou seja, alguém o acessa quando tem oportunidade ou acha mais conveniente. Não há necessidade de horário marcado, nem encontro presencial. Mas isso não anula a possibilidade de ser realizada uma atividade síncrona, na qual todos os participantes estejam ao mesmo tempo acessando o *blog*, lendo e já postando suas mensagens, comunicando-se, interagindo de lugares distintos.

A comunicação, neste sentido, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida e seu conteúdo não pode ser apenas o comunicado de um sujeito a outro, mas sim ter um significado significativo para ambos os sujeitos, alterando a relação entre receptor e emissor.

Conforme dito anteriormente, o *blog* é um dispositivo de comunicação potencialmente interativo, porque permite a coautoria, a troca de papéis entre emissor e receptor e a mensagem se torna uma construção conjunta entre ambos.

4. Relato da pesquisa

Em 2009, realizamos uma pesquisa com a intenção de compreender como a escola cria/mantém dispositivos de comunicação com seus alunos, notadamente os *blogs*, visando compreender aspectos relacionados ao modo como a escola interage com os dispositivos de comunicação que dispomos hoje na cibercultura. A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi de cunho qualitativo ou interpretativa. Nosso objetivo geral foi analisar como as escolas básicas do município de Florianópolis, Santa Catarina, utilizam-se do *blog* para criar ambiências comunicativas, ou seja, como utilizam o *blog* para fomentar situações de comunicação entre a instituição escolar, a comunidade, os professores e os alunos.

O procedimento metodológico adotado consistiu na leitura e análise de documentos escritos *online*: os *blogs* das Escolas Básicas Municipais (EBM) de Florianópolis, Santa Catarina, considerados como documentos contemporâneos e primários (MARCONI, LAKATOS, 2007). Optamos por analisar sistematicamente

todos os *blogs* das escolas básicas, uma vez que chamou nossa atenção o fato de que num total de 33 *blogs* escolares municipais, 24 são de escolas básicas³.

A partir da observação e da sistematização dos dados buscamos caracterizar os *blogs* por suas características interativas, comunicacionais, institucionais e pedagógicas e, com isso, compreender como as escolas estão propiciando dispositivos que favoreçam a construção de ambiências comunicativas entre alunos, professores e comunidade em geral.

4.1 Análise do ponto de vista tecnológico:

Os *blogs* são facilmente utilizados para a publicação na *web* sem conhecimentos de construção de *websites*, e frequentemente sem custos para os seus criadores, uma vez que existem sites que disponibilizam sistemas de criação, gestão e alojamento gratuito de *weblogs*. O editor de *blogs* utilizado por todas as escolas é o “*blogger*”, um programa é gratuito e de fácil manuseio.

4.2 Análise do ponto de vista Institucional:

Todos os *blogs* observados são alimentados por uma professora coordenadora da Sala Informatizada. As postagens são assinadas pelas siglas: ‘SI’, ‘Nome da escola’ ou ‘Nome’ pessoal das coordenadoras.

Verificamos que 45% das postagens são assinadas pela SI e 38% aparecem em nome das coordenadoras, aparecendo seus próprios nomes. Em 17% das postagens aparece o nome da Escola como autora. Não encontramos nenhuma postagem assinada em nome de alunos, mas em diversas postagens a pessoa responsável esclarece que tal atividade foi realizada pelos alunos da sala tal ou identifica o nome dos mesmos, bem como o nome das professoras envolvidas nos projetos.

4.3 Análise do ponto de vista estrutural:

Durante a criação de um *blog*, e a qualquer tempo, é possível adicionar até 100 autores para um único *blog*. Até o momento da pesquisa, constatamos que os *blogs* estudados não possuíam lista de autores ou colaboradores.

Em relação à indicação de *links* para outros sites, apenas 4 (quatro) *blogs* não apresentavam nenhuma lista. Naqueles em que encontramos uma lista de sugestões para

³ A observação dos *blogs* foi realizada até a data de 24 de junho de 2009. Destacamos, no entanto, que foram considerados os dados coletados no dia 24 de junho de 2009 para garantir a equidade dos mesmos, na medida em que se referem ao mesmo período para as informações de todos os *blogs*.

acesso, identificamos que poderiam ser utilizados para pesquisa ou encaminhavam para jogos de aprendizagem, entre outros.

4.4 Análise do ponto de vista comunicacional:

Os *blogs* são abertos à comunidade de internautas e aos alunos para comentários, o que faz com que tenham papel reativo às mensagens já postadas. A contribuição consiste no comentário a uma mensagem já publicada, ou seja, os alunos participam, mas não intervêm na postagem. quatro *blogs* têm muitos comentários, acima de 150, e 13, que representam 54,17%, apresentam um número inferior a 100 comentários. Percebemos que o número elevado deve-se a alguma atividade realizada pela turma que os alunos comentaram.

4.5 Análise do ponto de vista educacional:

Na apresentação encontramos o objetivo da criação dos *blogs*, bem como a que se destina o espaço dos mesmos. Alguns possuem uma justificativa da proposta pedagógica, outros relatam brevemente seus objetivos. Os assuntos das postagens da maioria dos *blogs* referem-se aos temas que foram trabalhados na sala de aula e à descrição das atividades desenvolvidas pelas professoras e suas respectivas turmas.

5. Algumas Considerações

Na análise do ponto de vista estrutural verificamos que o editor de *blogs* utilizado pelas escolas pesquisadas permite que se tenha até 100 autores cadastrados, o que viabiliza esse “fazer junto”, a escrita e a aprendizagem colaborativa. Nos *blogs* estudados, essa possibilidade de múltiplos autores está sendo pouco explorada, uma vez que os alunos não foram adicionados à lista de colaboradores, ou seja, não podem postar, apenas comentar. E se os alunos não realizam postagens, ou seja, não publicam, o potencial interativo do *blog* não é aproveitado na sua plenitude.

Os professores das turmas das escolas poderiam, por exemplo, organizar os alunos em grupos de colaboradores e gerar discussões no *blog* e assim criar situações de aprendizagens significativas. Outra possibilidade que destacamos é que os *blogs* podem servir como um espaço de intercâmbio e colaboração entre escolas, e assim as trocas podem ser inúmeras e entre toda a equipe pedagógica e também entre os alunos de outras instituições escolares da rede.

De acordo com Silva (op.cit.), um dos eixos para que a interatividade ocorra é a intervenção-participação, a participação deve contribuir com a discussão, acrescentar

um significado e gerar novas intervenções e participações. O segundo eixo, a bidirecionalidade-hibridação, remete para o fato de que com a co-criação, a mensagem transforma-se, sendo fruto da contribuição de ambos, tornando-se uma construção conjunta. O terceiro eixo, a permutabilidade-potencialidade, nos indica que a troca dos papéis do emissor e do receptor, dentro das possibilidades que o dispositivo apresenta, são aspectos importantes da interação. Percebemos que, nos *blogs* estudados, as participações ficam limitadas a comentários isolados, porque dificilmente alguém comenta ou responde aos comentários, no entanto, entendemos que as escolas estão começando a utilizar tal ferramenta e logo encontraram caminhos para tornar seus *blogs* mais interativos, com coautoria, permuta de papéis entre emissor e fonte e a bidirecionalidade da comunicação. Pensamos que o fato das escolas básicas de Florianópolis, na sua maioria, terem um *blog* para compartilhar suas atividades e vivências, certamente possibilita a construção da aprendizagem colaborativa entre alunos, professores e comunidades escolar no geral.

6. Referências bibliográficas

BARBOSA, E. ; GRANADO, A.. **Weblogs, Diário de Bordo**. Porto: Porto, 2004.

BONILLA, Maria Helena S. **Escola aprendente: desafios e possibilidades** postos no contexto da sociedade do conhecimento. 2002. Tese, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador - BA.

_____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 13^a ed. 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 17^a ed. 1987.

MARCONE, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky. **Uma perspectiva histórico – cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SARTORI, Ademilde S. ; SOARES, Maria S. P.. **Concepção Dialógica e as NTICs: A educomunicação e os ecossistemas comunicativos**. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005. <<acesso em 19/12/2008>> Disponível em:

http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais/CONCEP%C3%87%C3%83O%20DIAL%20E%20AS%20NTICS-%20EDUCOMUNICA%C3%87%C3%83O%20E%20OS%20ECOSSISTEMAS%20COMUNICATIVOS.pdf

SILVA, Marco. **Comunicação Interativa e Educação**. Tese de doutorado FE-USP.1999.

_____. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

TORRES, Patrícia L.; IRALA, Esrom A.F. **Aprendizagem Colaborativa**. In: Algumas vias para entretecer o pensar e o agir. Curitiba: SENAR-PR, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<http://www.pmf.sc.gov.br/nte/>. <<acesso em 20/12/2008, 26/12/2008>>